

LES TOMBALES

Guy de Maupassant

Dirceu MAGRI¹

RESUMO: Este trabalho apresenta uma tradução para o português do conto “Les Tombales”, de Guy de Maupassant (1850-1893). Ligado a Flaubert e a Zola, Maupassant destaca-se na Literatura Francesa do século XIX não só por ter escrito seis importantes romances, mas sobretudo por dezenas de *nouvelles*² e contos. Sua obra caracteriza-se por intensa força realista, a presença do fantástico e do pessimismo, mas principalmente por sua maestria estilística.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução; Prostituta; Erotismo.

¹ DIRCEU MAGRI é mestre e doutor em literatura francesa pela Universidade de São Paulo. É membro da Société Française d'Étude du Dix-Huitième Siècle (Sfeds) e editor da Revista Non Plus. É autor de *De Borboletas e colibris em sobrevoo: a presença francesa nas crônicas machadianas* (Editora FAP-UNIFESP, 2016) e pesquisador na área das relações literárias França-Brasil. Professor Visitante, leciona Língua e Literatura Francesa na UFV (Universidade Federal de Viçosa).

² A *nouvelle* é um relato relativamente curto que apareceu no final da Idade Média. Esse gênero literário é mais próximo do romance de inspiração realista, embora, às vezes seja classificado como *conto*. Este, por sua vez, designa ao mesmo tempo narrativas curtas de aventuras imaginárias, filosóficas e fantásticas, além dos célebres contos de fadas, todos, em geral, marcados por forte apelo emocional.

RÉSUMÉ: Ce travail présente une traduction en portugais du conte « Les Tombales », de Guy de Maupassant (1850-1893). Lié à Flaubert et à Zola, Maupassant a marqué la littérature française non seulement pour avoir écrit six romans importants, mais surtout pour des dizaines de nouvelles et de contes. Son oeuvre se caractérise par une force réaliste intense, la présence du fantastique et du pessimisme, mais surtout par la maîtrise stylistique.

MOTS-CLÉS : Traduction ; Prostitué ; Érotisme.

APRESENTAÇÃO:

As Lápides foi publicado originalmente em 1891 em um jornal chamado *Gil Blas*, cujo nome foi inspirado no célebre romance *Histoire de Gil Blas de Santillane* (1715), de Lesage. Ainda em 1891, o conto de Maupassant seria republicado como parte de *La Maison Tellier*, volume que traz uma coletânea de seus contos.

Cinco amigos se reúnem e, durante o jantar, um deles, Joseph de Bardou, relata uma de suas aventuras em um cemitério, onde encontrara uma jovem mulher que chorava a morte de seu marido. Tomado de certa compaixão pela viúva, ele a acompanha até a saída do cemitério. Saem juntos e durante semanas vivem uma aventura. Algum tempo depois, Bardou se cansa e parte. Ao regressar, encontra-a no mesmo cemitério escoltada por um outro homem que, por sua vez, compadece-se dela. Eis, em suma, a historietta; mas só isso faria dela um texto que pudesse ser incluído no universo literário em que figuras do *demi-monde* como Naná e Marguerite Gautier se inscrevem entre as personagens célebres da literatura?

O fato é que toda narrativa, longa ou curta, desenvolvida ou não, ocorre em um tempo e em torno de dois ou três momentos-chaves, nos quais se inscreve e se escreve uma tensão entre a atualidade e o escritor, no momento mesmo em que sua mão desliza sobre o papel. Eis o instante em que, supõe-se, ela é contada, de modo que as duas instâncias podem perfeitamente se confundir, a exemplo do que vemos nos romances clássicos, tais como os de Balzac, Flaubert, Stendhal e outros. Isto posto, a atualidade pode deixar traços explícitos, ou não, no texto que começa a se escrever e na época em que supostamente se situam e se desenvolvem os acontecimentos que o constituem.

Isso ocorre nos romances e contos de Maupassant. O domínio de narrativas curtas, que não sejam exatamente um romance, nas quais as personagens adquirem maior complexidade psicológica, demanda particular maestria na arte de narrar. O desafio do contista disposto a dominar com primor a técnica vem do fato de que o gênero “pressupõe e ‘manifesta’ uma decisão de descrição e modéstia, quase

uma obliteração do autor-escritor por trás de sua criação e de sua escritura. O paradoxo é o de uma escrita ‘invisível’, contudo, marcada.” (VICTOR, 2011: 2)³.

Pode-se acrescentar que a opção de Maupassant por narrativas curtas deve-se ao fato de esses textos oferecem possibilidades várias para a retomada de *fait-divers* a serem reconstituídos e/ou reinventados ao sabor da ficção, acrescentando colorido especial à sociedade contemporânea ao contista. Desse modo, relações sentimentais e sexuais são multiplicadas e exploradas de muitas maneiras, sempre em cenários pitorescos e inesperados. Verdadeiras ou não, essas histórias são sempre marcadas por certa banalidade. O banal, o pitoresco, o inesperado e o cotidiano combinam-se inextricavelmente na esfera textual. Cabe ao contista, portanto, por meio de sua habilidade com a pena, acrescer o banal e o pitoresco de alto grau de intensidade e tipicidade, técnica cujo resultado não será outro que certo domínio sobre o leitor e o fascínio deste face a uma atmosfera lúgubre e obscura.

Isto posto, são recorrentes em Maupassant contos nos quais o erótico e o fantástico se misturam. Não raro, tudo transcorre como se fosse uma aparição, eis que surge a *passante* que, logo, torna-se *revenante*. Em geral, são homens solteiros à procura de uma mulher. A solidão ou a falta momentânea de companhia fragilizam a personagem quase sempre excitada por um desejo mais forte, o que suscita encontros arriscados em lugares estranhos.

A mulher é a *âme étrangère* ao homem; misteriosa, ao mesmo tempo uma desconhecida que subverte suas vontades e o atrai. Indecifrável, a estranheza é desse modo ligada à sexualidade e à prostituição em diversos contos maupassianos. Toda mulher que flana por Paris traz consigo algo de misterioso e fantasioso. Em *As Lápidas*, última narrativa fantástica e último conto publicado por Maupassant, pode-se observar todas as obsessões e fantasias finisseculares.

Ao retomar de forma habitual as confidências do solteiro Joseph de Bardon, o contexto realista é cuidadosamente mantido ao longo da história. O solteiro ocioso flana pela capital⁴, e decide entrar em um cemitério, dividindo o gosto por necrópoles com outras personagens maupassianas, o que infere uma mania decadente. “Eu amo cemitérios, isto me faz relaxar e me traz certa melancolia: eu preciso disso”, afirma Joseph de Baron, num estratagema utilizado pelo contista para encaminhar o leitor para uma falsa pista, já que o relato não trata de necrofilia. Depreende-se então no cinismo de Baron um dos sinais que leva o conto para a fronteira da paródia e do fantástico.

A solidão de Baron, bem fundamentada, é mais um artifício da escrita maupassiana cujo intuito não é apenas enganar o leitor, levando-o a esperar algo de sobrenatural. Não por outra razão Baron lê epitáfios e se demora diante da tumba de

³ « présume, et "manifeste" un parti pris de discrétion, de modestie, et presque d'effacement, de l'auteur-écrivain derrière sa création et dans son écriture. Le paradoxe est celui d'une écriture « invisible », et pourtant marquée. »

⁴ *La Chevelure*, também de Maupassant, publicado em 1884, começa mais ou menos da mesma forma, com a personagem flinando por Paris em uma manhã de sol, a alma em festa, olhando as lojas com vago interesse.

sua amada: “Tinha o coração um pouco apertado ao chegar perto de sua tumba. Coitada, ela era tão gentil e tão amorosa, e tão branca, e tão saudável... e agora... se abrissem isto...” Ainda que surja a ideia de uma suposta profanação, esta não será acompanhada de um ato criminoso, tal o cometido pelo jovem de *A Tumba*.⁵

O flâneur Baron tem sua atenção desviada pela aparição de uma jovem, cujo rosto diáfano parece morto, sobretudo porque esta mulher de mármore se assemelha às estátuas funerárias que povoam os grandes cemitérios parisienses. A descrição da viúva cria uma atmosfera enigmática, estranha, mas também capaz de fazer o sobrenatural adentrar o trivial. Pouco depois, após acompanhá-la por alguns momentos, entram em um restaurante e por um instante tem-se a impressão de que a jovem passa por uma metamorfose, qual seja, ela esqueceu a dor do luto que até aquele instante a fragilizava, “um vago sorriso lhe veio aos lábios” e começou a falar de sua vida e da tristeza de não ter alguém a quem dedicar sua afeição, deixando entrever o quanto está cheia de más intenções.

Baron joga o jogo da esfinge e a metamorfose esperada pelo leitor não acontece, aumentando a atmosfera erótica que perpassa a narrativa. De fato, nada explícito, nada de luxúria, nenhuma licenciosidade, apenas uma jovem a fingir a dor da perda do marido, a retirar o véu do luto. A jovem viúva é proteiforme, dizendo-se desconsolada pela morte de um capitão da marinha, aos poucos consegue enternecer o visitante recém conhecido no cemitério, tornando-se sua amante.

Joseph de Baron não duvida ter jogado o jogo e ter caído na armadilha de uma figura inclassificável, mas, logo, *tombale* passaria de adjetivo a substantivo: Baron envolvera-se com uma *Tombale*. Mesmo se acreditasse estar dando as cartas, em perfeito domínio do jogo, ele, de fato, é uma das cartas, movendo-se como e à medida em que a jovem joga seu jogo.

É nesse jogo de sedução, rico em fantasias, evidentemente, sempre sujeitas ao clichê, que a prostituta consegue subverter os estereótipos literários à medida em que se movimenta pelas narrativas; tais clichês, por fim, aniquilam-se uns aos outros. A noção de prostituta, diga-se, é polissêmica. Embora muitos tendam a generalizações, o fato é que as gradações são diversas e o leque é composto de matizes como a cortesã, a *grisette*, a *lorette*, a jovem no vai-e-vem interminável pelas calçadas, e, para outros ainda, a *femme entretenue*. Ademais, sempre que se traça um panorama das obras nas quais a prostituta orbita, as representações oscilam entre dois polos: o luxo ou a miséria, a abnegação ou a cobiça, a inocência profanada ou a libertinagem assumida, a escrava sexual ou a mulher livre, dona de suas escolhas...

Na esfera da narrativa, para muitos escritores a prostituta é ora a presa, ora a predadora, uma personagem arrivista ou uma heroína trágica, uma dissidente que contraria a ordem moral ou um sintoma da ordem social, representativa da opressão imposta aos mais fracos. Alvo dos puritanos, vítima de um desprezo de classe, a prostituta inspira o imaginário reivindicando a dita liberdade sexual.

⁵ *La Tombe* também foi publicado no jornal *Gil Blas*, em 29/7/1884, sob o pseudônimo de Maufrigneuse.

Cada prostituta tem sua história, cada escritor sua maneira de contá-la. No caso de Maupassant, Joseph de Baron julga à sua maneira, qual seja, surpreende-se com o óbvio ao ver “sua” Vênus do cemitério nos braços de um outro qualquer. No fundo, um quê de posse, constitutivo do egotismo masculino que vai de encontro à liberdade da prostituta.

TRADUÇÃO:

AS LÁPIDES

Guy de Maupassant

Os cinco amigos acabavam de jantar; cinco homens do mundo, maduros, ricos, três casados, dois ainda jovens e solteiros. Reuniam-se todos os meses em memória de sua juventude, e, depois do jantar, conversavam até às duas da manhã. Amigos íntimos, divertiam-se juntos e talvez encontrassem nisso as melhores noites de suas vidas. Falavam sobre tudo, sobre tudo o que interessa e diverte os parisienses; entre os assuntos, como na maioria dos salões por aí, era uma espécie de recomeço falar sobre a leitura dos jornais da manhã.

Um dos mais alegres era Joseph Bardon; solteiro, vivia a vida parisiense da maneira mais completa e mais extravagante. Não era um devasso ou depravado, mas um curioso, um homem ainda jovem e feliz porque mal completara quarenta anos. Homem do mundo, no sentido mais amplo e mais benevolente que essa palavra possa ter, espirituoso sem grande profundidade, dotado de um saber variado sem verdadeira erudição, de uma compreensão ágil sem qualquer perspicácia, ele tirava de suas observações e de suas aventuras, de tudo aquilo que via, conhecia e achava, anedotas tanto de romance cômico quanto filosófico, observações bem humoradas que o faziam ter na cidade grande reputação de inteligência.

Ele foi o orador do jantar. Ele tinha, toda vez, sua própria história, com a qual todos contavam. Ele começou a contá-la sem que o tivessem pedido para fazer. Fumando, os cotovelos sobre a mesa, um copo pela metade do mais fino champanhe diante do prato, entorpecido em uma atmosfera de tabaco aromatizada pelo café quente, ele parecia em casa e tão à vontade, como algumas pessoas ficam completamente à vontade em suas casas, em certos lugares e em determinados momentos, como uma devota em uma capela, como um peixinho em seu aquário.

Ele disse, entre duas baforadas de fumaça: “Aconteceu-me uma aventura singular há algum tempo.”

Todas as bocas disseram quase juntas: “Conte, conte.”

Ele retomou:

Com prazer. Vocês sabem que eu ando muito por Paris, como aqueles colecionadores de bibelôs que fuçam as vitrines. Eu espio os espetáculos, as pessoas, tudo o que passa e tudo o que acontece.

No entanto, em meados de setembro fazia um tempo muito bom, saí de casa numa tarde sem saber para onde iria. Bem, a gente sempre tem um vago desejo de visitar uma bela mulher. Pensamos sempre em várias delas, comparamo-las em pensamento, pesamos o interesse que elas inspiram, o charme que elas nos impõem e finalmente decidimos de acordo com a atração do dia. Mas quando o sol está muito bonito e o ar morno, muitas vezes não temos vontade de tais visitas.

Bem, como disse, o sol estava bonito e o ar morno; acendi um charuto e ingenuamente saí para o *boulevard*. Depois, enquanto flanava pela rua, veio-me a ideia de dar uma passada pelo cemitério Montmartre.

Eu amo cemitérios, isto me faz relaxar e me traz certa melancolia: eu preciso disso. E depois, há também os bons amigos que lá estão, aqueles que não vemos mais; eu vou até lá de tempos em tempos.

Eu tenho uma história de amor, justamente no cemitério Montmartre, a história de uma amante que me interessou, emocionou-me muito, uma jovem encantadora cuja lembrança, embora me custe muito, causa-me arrependimentos... arrependimentos de todo tipo... Vou sonhar sobre sua tumba... Tudo está acabado para ela.

E depois, eu também gosto dos cemitérios porque são cidades monstruosas, prodigiosamente habitadas. Considere o que há de mortos neste pequeno espaço, todas as gerações de parisienses que estão alojados ali, para sempre, trogloditas irrevocáveis trancados em seus pequenos jazigos, em seus pequenos buracos cobertos com uma pedra ou marcados com uma cruz, enquanto os vivos ocupam tanto espaço e fazem tanto barulho, esses imbecis.

Depois, há nos cemitérios monumentos quase tão interessantes quanto nos museus. O túmulo de Cavaignac me fez sonhar, confesso, sem compará-lo a esta obra-prima de Jean Goujon: o corpo de Louis de Brézé, deitado na capela subterrânea da Catedral de Rouen; toda a arte dita moderna e realista veio de lá, senhores. Este morto, Louis de Brézé, é mais real, mais formidável, feito de carne sem vida, ainda convulsionada pela agonia, como todos os cadáveres atormentados, ainda hoje torturados em suas sepulturas.

Mas no cemitério de Montmartre pode-se ainda admirar o monumento de Baudin, que tem grandeza; o de Gautier, o de Mürger, onde vi outro dia uma única pobre coroa de sempre-vivas amarelas, trazidas por quem? Talvez pela última amante, já bastante velha e recepcionista nos arredores? Trata-se de uma bela estatueta de Millet, que o abandono e a sujeira encarregam-se de destruir. Canta a juventude, ó Mürger!

Eis-me então entrando no cemitério Montmartre e, de repente, sou tomado por uma tristeza, uma tristeza que não me fazia mal; a propósito, uma dessas tristezas que nos fazem pensar, quando estamos bem: “Não é engraçado, este lugar aqui, mas a minha hora ainda não chegou...”.

A impressão do outono, essa umidade quente que cheira a folhas mortas e que o sol, enfraquecido, cansado, anêmico, agrava poetizando a sensação de solidão e de um fim definitivo, flutuava sobre este lugar, que cheira a morte dos homens.

Eu caminhava devagar pelas ruas dos túmulos, cujos moradores não se visitam, não dormem mais juntos, não leem mais jornais. Comecei então a ler os epitáfios. Isto, por exemplo, é a coisa mais divertida do mundo. Nunca Labiche, e nem mesmo Meilhac, fizeram-me rir tanto como o cômico da prosa tumbal. Ah! Quais os livros superiores àqueles de Paul de Koch podem abrir a laje que essas placas de mármore e essas cruzes, onde os pais dos mortos derramaram seus arrependimentos e seus desejos para a felicidade do desaparecido no outro mundo, e suas esperanças em acompanhá-lo - impostores?!

Mas o que eu mais amo neste cemitério é a parte abandonada, solitária, cheia de grandes teixos e ciprestes, velho bairro dos antigos mortos que em breve se tornará um bairro novo, que deve derrubar as árvores verdes, alimentadas com cadáveres humanos, para alinhar os mortos recentes sob pequenas lajes de mármore.

Quando tinha levado um tempo para aquietar o espírito, compreendi que ia me entediar e que devia levar até a última cama de minha namorada a fiel homenagem de minha lembrança. Tinha o coração um pouco apertado ao chegar perto de sua tumba. Coitada, ela era tão gentil e tão amorosa, e tão branca, e tão saudável... e agora... se abrissem isto...

Inclinado sobre a grade de ferro, disse-lhe baixo toda a minha dor, que ela, sem dúvida, não ouviu. Ia saindo quando vi uma mulher de preto, de luto, que se ajoelhou na tumba vizinha. O véu de crepe, levantado, deixava notar uma bela cabeça loira, cujos cabelos presos com faixas pareciam iluminados por uma luz da aurora sob a noite do seu penteado. Eu permaneci.

Ela certamente devia sofrer de uma dor profunda; enterrou os olhos entre as mãos e, rígida como uma estátua, meditava em seus pesares dedilhando na sombra dos olhos escondidos e fechados o rosário, martirizando lembranças. Ela mesma parecia ser uma mulher morta, que pensaria em um morto. Então, de repente, achei que ela ia chorar, notei um pequeno movimento das costas parecido com um vento frio em um salgueiro. Primeiro ela chorou baixinho, depois mais alto, com movimentos rápidos do pescoço e dos ombros. De repente, ela descobriu os olhos. Adoráveis, eles estavam cheios de lágrimas, olhos de louca que divagavam em torno dela em uma espécie de despertar do pesadelo. Ela me viu olhando para ela, pareceu envergonhada e escondeu novamente todo o rosto com as mãos. Então seus soluços tornaram-se convulsivos e sua cabeça inclinou-se lentamente em direção ao mármore, onde repousou sua testa, o que fez com que seu véu se espalhasse ao seu redor cobrindo os ângulos brancos da sepultura amada, como um novo luto. Ouvi-a gemer, depois ela afundou-se, a face sobre a laje, permanecendo imóvel, sem consciência.

Apressei-me em sua direção, bati-lhe nas mãos, soprei sobre suas pálpebras, ao ler o simples epitáfio: “Aqui jaz Louis-Théodore Carrel, capitão dos fuzileiros da marinha, morto pelo inimigo, em Tonkin. Reze por ele.”

Esta morte ocorrera há poucos meses. Fiquei tocado até as lágrimas e redobrei meus cuidados, que surtiram efeito e ela voltou a si. Fiquei muito comovido - não sou tão ruim, não tenho quarenta anos. Notei pelo seu primeiro olhar que ela seria educada e grata. Ela o foi entre lágrimas, e, sua história contada, saída em fragmentos do seu peito ofegante, a morte do oficial caído em Tonkin, ao final de um ano de casamento, após ter se casado com ela por amor, porque, órfão de pai e mãe, ela tinha apenas o dote regulamentar.

Eu a consolei, recomfortei e a levantei. Depois lhe disse: “Não fique aqui. Venha.”

Ela murmurou: “Sou incapaz de andar.”

“Vou apoiá-la.”

“Obrigada, senhor. O senhor é bom. Também viestes lamentar um morto?”

“Sim, senhora.”

“Uma morta?”

“Sim, senhora.”

“Sua esposa?”

“Uma amiga.”

“Pode-se amar uma amiga tanto quanto uma esposa, a paixão não tem lei.”

“Sim, senhora.”

E eis que partimos juntos, ela apoiada em mim, eu quase a carregando pelos caminhos do cemitério. Quando saímos, ela murmurou vacilante:

“Acho que vou passar mal.”

“Você quer entrar em algum lugar, tomar alguma coisa?”

“Sim, senhor.”

Eu vi um restaurante, um desses restaurantes em que os amigos dos mortos celebram a labuta terminada. Entramos lá. E eu a fiz beber uma xícara de chá bem quente que pareceu reanimá-la. Um vago sorriso lhe veio aos lábios e ela me falou si. Era tão triste, tão triste ser sozinha na vida, sozinha em casa, dia e noite, não ter mais ninguém a quem dispensar sua afeição, sua confiança, sua intimidade.

Ela tinha um ar sincero; a gentileza saía de seus lábios e eu me enternecia. Era muito jovem, talvez vinte anos. Fiz-lhe elogios que ela aceitou muito bem. Então, como o tempo passava, pedi para conduzi-la de carro até sua casa. Ela aceitou e, na carruagem, permanecemos um contra o outro, ombro a ombro, com nossos calores se misturando através das roupas, o que é a coisa mais perturbadora do mundo.

Quando o carro parou diante da casa dela, ela murmurou: “Sinto-me incapaz de subir sozinha a escada, porque moro no quarto andar. Você foi tão bom, poderia me oferecer ainda o braço até minha casa?”

Apressei-me em aceitar. Ela subiu lentamente, ofegando bastante. Então, em frente à porta, acrescentou:

“Entre alguns instantes para que eu possa agradecê-lo.”

Por Deus! Entrei.

O lugar era modesto, até mesmo um pouco pobre, mas simples e bem organizado. Sentamo-nos lado a lado em um sofá pequeno, e ela falou-me novamente de sua solidão.

Ela chamou sua empregada para me oferecer algo a beber. A empregada não veio. Fiquei contente supondo que a empregada só deveria estar lá pela manhã, o que chamamos de uma faxineira.

Ela havia tirado seu chapéu. Era de fato muito gentil com seus olhos fixados em mim, tão bem fixos, tão claros que eu tive uma tentação terrível, a que sucumbi. Tomei-a em meus braços e, sobre as pálpebras que se fecharam repentinamente, enchia-a de beijos... beijos... beijos... e muitos mais.

Ela se debateu empurrando-me e repetindo: “Pare... pare... pare com isso.”

Que sentido atribuía ela a esta palavra? Em tais casos, “parar” tem ao menos dois sentidos. Para fazer com que se calasse, eu passei dos olhos à boca, eu dei à palavra “parar” o sentido que preferia. Ela não resistiu muito, e quando nos olhamos novamente, depois deste ultraje à memória do capitão morto em Tonkin, ela tinha um olhar lânguido, afável, resignado, que dissipou minhas preocupações.

Então, fui galante, ansioso e grato. E depois de uma nova conversa de cerca de uma hora, perguntei-lhe:

“Você janta onde?”

“Em um pequeno restaurante na redondeza.”

“Sozinha?”

“Sim, claro!”

“Quer jantar comigo?”

“Onde?”

“Em um bom restaurante no *boulevard*.”

Ela resistiu um pouco, insistiu e ela cedeu acrescentando a si mesma este argumento: “Entedio-me tanto... tanto...” e disse: “Preciso por um vestido um pouco menos escuro.”

E ela entrou no seu quarto.

Quando saiu, ela estava em semiluto, adorável, fina e esbelta, em um traje cinza, bastante simples. Ela, obviamente, tinha uma roupa para ir ao cemitério e outra para ir à cidade.

O jantar foi muito cordial. Ela bebeu champanhe, se excitou, entusiasmou-se e fomos juntos até sua casa.

Essa ligação cujos nós foram dados sobre as tumbas durou cerca de três semanas. Mas nos cansamos de tudo, especialmente das mulheres. Deixei-a sob o pretexto de uma viagem inadiável.

Tive uma partida bastante agradável, ela me agradeceu muito e me fez prometer, fez-me jurar, voltar após meu retorno, porque parecia realmente um pouco apegada a mim.

Corri em busca de outros afetos, e passou-se um mês sem que o desejo de rever esta pequena amante funerária fosse tão forte que eu cedesse a ele. Contudo, eu não a esqueci... Sua lembrança me assombrava como um mistério, como um problema de psicologia, como uma daquelas perguntas inexplicáveis, cuja solução nos perturba.

Não sei por que, um dia, imaginei que a encontraria no cemitério Montmartre, e fui para lá.

Andava por ali já há algum tempo sem encontrar outras pessoas que não fossem os visitantes daquele lugar, aqueles que ainda não romperam todas as relações com seus mortos. O túmulo do capitão morto em Tonkin não tinha uma dama chorosa sobre seu mármore, nem flores, nem coroas.

Mas como eu me afastava para um outro quarteirão desta grande cidade dos mortos, notei, de repente, no final de uma estreita avenida, vindo em minha direção, um casal em profundo luto, o homem e a mulher. Oh, espanto! Quando eles se aproximaram, eu a reconheci. Era ela.

Ela me viu, corou-se, e como eu a toquei de leve ao passar, ela me fez um pequeno sinal, um olhar muito rápido que significava: “Não me reconheça”, mas que parecia dizer: “Volte me ver, meu querido.”

O homem tinha boa aparência, distinto, chique, um oficial da Legião de Honra, de mais ou menos cinquenta anos.

E ele a apoiava, como eu mesmo a havia apoiado deixando o cemitério.

Fui embora atordado, querendo entender o que acabara de ver, a que raça de seres pertencia esta caçadora sepulcral. Era uma simples garota, uma prostituta inspirada que ia colher sobre os túmulos os homens tristes, assombrados por uma mulher, esposa ou amante, ainda perturbada pela memória das carícias desaparecidas? Seria a única? Seriam elas várias? Isso era uma profissão? Caçavam no cemitério como caçavam nas calçadas? As lápides! Ou talvez apenas tivesse tido essa ideia admirável; uma filosofia profunda de explorar os arrependimentos de amor que podemos reviver nesses lugares fúnebres?

E eu bem quis saber de quem ela era viúva naquele dia...

9 de janeiro de 1891

TEXTO ORIGINAL:

LES TOMBALES

Guy de Maupassant

Les cinq amis achevaient de dîner, cinq hommes du monde, mûrs, riches, trois mariés, deux restés garçons. Ils se réunissaient ainsi tous les mois, en souvenir de

leur jeunesse, et après avoir dîné, ils causaient jusqu'à deux heures du matin. Restés amis intimes, et se plaisant ensemble, ils trouvaient peut-être là leurs meilleurs soirs dans la vie. On bavardait sur tout, sur tout ce qui occupe et amuse les Parisiens ; c'était entre eux, comme dans la plupart des salons d'ailleurs, une espèce de recommencement parlé de la lecture des journaux du matin.

Un des plus gais était Joseph de Bardou, célibataire et vivant la vie parisienne de la façon la plus complète et la plus fantaisiste. Ce n'était point un débauché ni un dépravé, mais un curieux, un joyeux encore jeune ; car il avait à peine quarante ans. Homme du monde dans le sens le plus large et le plus bienveillant que puisse mériter ce mot, doué de beaucoup d'esprit sans grande profondeur, d'un savoir varié sans érudition vraie, d'une compréhension agile sans pénétration sérieuse, il tirait de ses observations, de ses aventures, de tout ce qu'il voyait, rencontrait et trouvait, des anecdotes de roman comique et philosophique en même temps, et des remarques humoristiques qui le faisaient par la ville une grande réputation d'intelligence.

C'était l'orateur du dîner. Il avait la sienne, chaque fois, son histoire, sur laquelle on comptait. Il se mit à la dire sans qu'on l'en eût prié.

Fumant, les coudes sur la table, un verre de fine champagne à moitié plein devant son assiette, engourdi dans une atmosphère de tabac aromatisée par le café chaud, il semblait chez lui tout à fait, comme certains êtres sont chez eux absolument, en certains lieux et en certains moments, comme une dévote dans une chapelle, comme un poisson rouge dans son bocal.

Il dit, entre deux bouffées de fumée :

Il m'est arrivé une singulière aventure il y a quelque temps.

Toutes les bouches demandèrent presque ensemble : « Racontez. »

Il reprit :

- Volontiers. Vous savez que je me promène beaucoup dans Paris, comme les bibelotiers qui fouillent les vitrines. Moi je guette les spectacles, les gens, tout ce qui passe, et tout ce qui se passe.

Or, vers la mi-septembre, il faisait très beau temps à ce moment-là, je sortis de chez moi, une après-midi, sans savoir où j'irais. On a toujours un vague désir de faire une visite à une jolie femme quelconque. On choisit dans sa galerie, on les compare dans sa pensée, on pèse l'intérêt qu'elles vous inspirent, le charme qu'elles vous imposent et on se décide enfin suivant l'attraction du jour. Mais quand le soleil est très beau et l'air tiède, ils vous enlèvent souvent toute envie de visites.

Le soleil était beau, et l'air tiède ; j'allumai un cigare et je m'en allai tout bêtement sur le boulevard extérieur. Puis comme je flânais, l'idée me vint de pousser jusqu'au cimetière Montmartre et d'y entrer.

J'aime beaucoup les cimetières, moi, ça me repose et me mélancolise : j'en ai besoin. Et puis, il y a aussi de bons amis là dedans, de ceux qu'on ne va plus voir ; et j'y vais encore, moi, de temps en temps.

Justement, dans ce cimetière Montmartre, j'ai une histoire de cœur, une maîtresse qui m'avait beaucoup pincé, très ému, une charmante petite femme dont

le souvenir, en même temps qu'il me peine énormément, me donne des regrets... des regrets de toute nature... Et je vais rêver sur sa tombe... C'est fini pour elle.

Et puis, j'aime aussi les cimetières, parce que ce sont des villes monstrueuses, prodigieusement habitées. Songez donc à ce qu'il y a de morts dans ce petit espace, à toutes les générations de Parisiens qui sont logés là, pour toujours, troglodytes définitifs enfermés dans leurs petits caveaux, dans leurs petits trous couverts d'une pierre ou marqués d'une croix, tandis que les vivants occupent tant de place et font tant de bruit, ces imbéciles.

Puis encore, dans les cimetières, il y a des monuments presque aussi intéressants que dans les musées. Le tombeau de Cavaignac m'a fait songer, je l'avoue, sans le comparer, à ce chef-d'oeuvre de Jean Goujon : le corps de Louis de Brézé, couché dans la chapelle souterraine de la cathédrale de Rouen ; tout l'art dit moderne et réaliste est venu de là, messieurs. Ce mort, Louis de Brézé, est plus vrai, plus terrible, plus fait de chair inanimée, convulsée encore par l'agonie, que tous les cadavres tourmentés qu'on tortionne aujourd'hui sur les tombes.

Mais au cimetière Montmartre on peut encore admirer le monument de Baudin, qui a de la grandeur ; celui de Gautier, celui de Mürrer, où j'ai vu l'autre jour une seule pauvre couronne d'immortelles jaunes, apportée par qui ? par la dernière grisette, très vieille, et concierge aux environs, peut-être ? C'est une jolie statuette de Millet, mais que détruisent l'abandon et la saleté. Chante la jeunesse, ô Mürrer !

Me voici donc entrant dans le cimetière Montmartre, et tout à coup imprégné de tristesse, d'une tristesse qui ne faisait pas trop de mal, d'ailleurs, une de ces tristesses qui vous font penser, quand on se porte bien : « Ça n'est pas drôle, cet endroit-là, mais le moment n'en est pas encore venu pour moi... »

L'impression de l'automne, de cette humidité tiède qui sent la mort des feuilles et le soleil affaibli, fatigué, anémique, aggravait en la poétisant la sensation de solitude et de fin définitive flottant sur ce lieu, qui sent la mort des hommes.

Je m'en allais à petits pas dans ces rues de tombes, où les voisins ne voient point, ne couchent plus ensemble et ne lisent pas de journaux. Et je me mis, moi, à lire les épitaphes. Ça, par exemple, c'est la chose la plus amusante du monde. Jamais Labiche, jamais Meilhac ne m'ont fait rire comme le comique de la prose tombale. Ah ! quels livres supérieurs à ceux de Paul de Kock pour ouvrir la rate que ces plaques de marbre et ces croix où les parents des morts ont épanché leurs regrets, leurs vœux pour le bonheur du disparu dans l'autre monde, et leur espoir de le rejoindre - blagueurs !

Mais j'adore surtout dans ce cimetière, la partie abandonnée, solitaire, pleine de grands ifs et de cyprès, vieux quartier des anciens morts qui redeviendra bientôt un quartier neuf, dont on abattra les arbres verts, nourris de cadavres humains, pour aligner les récents trépassés sous de petites galettes de marbre.

Quand j'eus erré le temps de me rafraîchir l'esprit, je compris que j'allais m'ennuyer et qu'il fallait porter au dernier lit de ma petite amie l'hommage fidèle de mon souvenir. J'avais le coeur un peu serré en arrivant près de sa tombe. Pau-

vre chère, elle était si gentille, et si amoureuse, et si blanche, et si fraîche... et maintenant... si on ouvrait ça...

Penché sur la grille de fer, je lui dis tout bas ma peine, qu'elle n'entendit point sans doute, et j'allais partir quand je vis une femme en noir, en grand deuil, qui s'agenouillait sur le tombeau voisin. Son voile de crêpe relevé laissait apercevoir une jolie tête blonde, dont les cheveux en bandeaux semblaient éclairés par une lumière d'aurore sous la nuit de sa coiffure. Je restai.

Certes, elle devait souffrir d'une profonde douleur. Elle avait enfoui son regard dans ses mains, et rigide, en une méditation de statue, partie en ses regrets, égrenant dans l'ombre des yeux cachés et fermés le chapelet torturant des souvenirs, elle semblait elle-même être une morte qui penserait à un mort. Puis tout à coup je devinai qu'elle allait pleurer, je le devinai à un petit mouvement du dos pareil à un frisson de vent dans un saule. Elle pleura doucement d'abord, puis plus fort, avec des mouvements rapides du cou et des épaules. Soudain elle découvrit ses yeux. Ils étaient pleins de larmes et charmants, des yeux de folle qu'elle promena autour d'elle, en une sorte de réveil de cauchemar. Elle me vit la regarder, parut honteuse et se cacha encore toute la figure dans ses mains. Alors ses sanglots devinrent convulsifs, et sa tête lentement se pencha vers le marbre. Elle y posa son front, et son voile se répandant autour d'elle couvrit les angles blancs de la sépulture aimée, comme un deuil nouveau. Je l'entendis gémir, puis elle s'affaissa, sa joue sur la dalle, et demeura immobile, sans connaissance.

Je me précipitai vers elle, je lui frappai dans les mains, je soufflai sur ses paupières, tout en lisant l'épithaphe très simple : « Ici repose Louis-Théodore Carrel, capitaine d'infanterie de marine, tué par l'ennemi, au Tonkin. Priez pour lui. »

Cette mort remontait à quelques mois. Je fus attendri jusqu'aux larmes, et je redoublai mes soins. Ils réussirent ; elle revint à elle. J'avais l'air très ému - je ne suis pas trop mal, je n'ai pas quarante ans. - Je compris à son premier regard qu'elle serait polie et reconnaissante. Elle le fut, avec d'autres larmes, et son histoire contée, sortie par fragments de sa poitrine haletante, la mort de l'officier tombé au Tonkin, au bout d'un an de mariage, après l'avoir épousée par amour, car, orpheline de père et de mère, elle avait tout juste la dot réglementaire.

Je la consolai, je la réconfortai, je la soulevai, je la relevai. Puis je lui dis :

- Ne restez pas ici. Venez.

Elle murmura :

- Je suis incapable de marcher.

- Je vais vous soutenir.

- Merci, monsieur, vous êtes bon. Vous veniez également ici pleurer un mort ?

- Oui, madame.

- Une morte ?

- Oui, madame.

- Votre femme ?

- Une amie.

- On peut aimer une amie autant que sa femme, la passion n'a pas de loi.

- Oui, madame.

Et nous voilà partis ensemble, elle appuyée sur moi, moi la portant presque par les chemins du cimetière. Quand nous en fûmes sortis, elle murmura défaillante :

- Je crois que je vais me trouver mal.

- Voulez-vous entrer quelque part, prendre quelque chose ?

- Oui, monsieur.

J'aperçus un restaurant, un de ces restaurants où les amis des morts vont fêter la corvée finie. Nous y entrâmes. Et je lui fis boire une tasse de thé bien chaud qui parut la ranimer. Un vague sourire lui vint aux lèvres. Et elle me parla d'elle. C'était si triste, si triste d'être toute seule dans la vie, toute seule chez soi, nuit et jour, de n'avoir plus personne à qui donner de l'affection, de la confiance, de l'intimité.

Cela avait l'air sincère. C'était gentil dans sa bouche. Je m'attendrissais. Elle était fort jeune, vingt ans peut-être. Je lui fis des compliments qu'elle accepta fort bien. Puis, comme l'heure passait, je lui proposai de la reconduire chez elle avec une voiture. Elle accepta ; et, dans le fiacre, nous restâmes tellement l'un contre l'autre, épaule contre épaule, que nos chaleurs se mêlaient à travers les vêtements, ce qui est bien la chose la plus troublante du monde.

Quand la voiture fut arrêtée à sa maison, elle murmura : « Je me sens incapable de monter seule mon escalier, car je demeure au quatrième. Vous avez été si bon, voulez-vous encore me donner le bras jusqu'à mon logis ? »

Je m'empressai d'accepter. Elle monta lentement, en soufflant beaucoup. Puis, devant sa porte, elle ajouta :

- Entrez donc quelques instants pour que je puisse vous remercier.

Et j'entrai, parbleu.

C'était modeste, même un peu pauvre, mais simple et bien arrangé chez elle.

Nous nous assîmes côte à côte sur un petit canapé, et elle me parla de nouveau de sa solitude.

Elle sonna sa bonne, afin de m'offrir quelque chose à boire. La bonne ne vint pas. J'en fus ravi en supposant que cette bonne-là ne devait être que du matin : ce qu'on appelle une femme de ménage.

Elle avait ôté son chapeau. Elle était vraiment gentille avec ses yeux clairs fixés sur moi, si bien fixés, si clairs que j'eus une tentation terrible et j'y cédaï. Je la saisis dans mes bras, et sur ses paupières qui se fermèrent soudain, je mis des baisers... des baisers... des baisers... tant et plus.

Elle se débattait en me repoussant et répétant : « Finissez... finissez... finissez donc. »

Quel sens donnait-elle à ce mot ? En des cas pareils, « finir » peut en avoir au moins deux. Pour la faire taire je passai des yeux à la bouche, et je donnai au mot « finir » la conclusion que je préférais. Elle ne résista pas trop, et quand nous nous regardâmes de nouveau, après cet outrage à la mémoire du capitaine tué au Tonkin, elle avait un air alangui, attendri, résigné, qui dissipa mes inquiétudes.

Alors, je fus galant, empressé et reconnaissant. Et après une nouvelle causerie d'une heure environ, je lui demandai :

- Où dînez-vous ?
- Dans un petit restaurant des environs.
- Toute seule ?
- Mais oui.
- Voulez-vous dîner avec moi ?
- Où ça ?
- Dans un bon restaurant du boulevard.

Elle résista un peu. J'insistai : elle céda, en se donnant à elle-même cet argument : « Je m'ennuie tant... tant, » puis elle ajouta : « Il faut que je passe une robe un peu moins sombre. »

Et elle entra dans sa chambre à coucher.

Quand elle en sortit, elle était en demi-deuil, charmante, fine et mince, dans une toilette grise et fort simple. Elle avait évidemment tenue de cimetière et tenue de ville.

Le dîner fut très cordial. Elle but du champagne, s'alluma, s'anima et je rentrai chez elle, avec elle.

Cette liaison nouée sur les tombes dura trois semaines environ. Mais on se fatigue de tout, et principalement des femmes. Je la quittai sous prétexte d'un voyage indispensable.

J'eus un départ très généreux, dont elle me remercia beaucoup. Et elle me fit promettre, elle me fit jurer de revenir après mon retour, car elle semblait vraiment un peu attachée à moi.

Je courus à d'autres tendresses, et un mois environ se passa sans que la pensée de revoir cette petite amoureuse funéraire fût assez forte pour que j'y cédas. Cependant je ne l'oubliais point... Son souvenir me hantait comme un mystère, comme un problème de psychologie, comme une de ces questions inexplicables dont la solution nous harcèle.

Je ne sais pourquoi, un jour, je m'imaginai que je la retrouverais au cimetière Montmartre, et j'y allai.

Je m'y promenai longtemps sans rencontrer d'autres personnes que les visiteurs ordinaires de ce lieu, ceux qui n'ont pas encore rompu toutes relations avec leurs morts. La tombe du capitaine tué au Tonkin n'avait pas de pleureuse sur son marbre, ni de fleurs, ni de couronnes.

Mais comme je m'égarai dans un autre quartier de cette grande ville de trépassés, j'aperçus tout à coup, au bout d'une étroite avenue de croix, venant vers moi, un couple en grand deuil, l'homme et la femme. O stupeur! quand ils s'approchèrent, je la reconnus.

C'était elle.

Elle me vit, rougit, et, comme je la frôlais en la croisant, elle me fit un tout petit signe, un tout petit coup d'oeil qui signifiaient : « Ne me reconnaissez pas, » mais qui semblaient dire aussi : « Revenez me voir, mon chéri. »

L'homme était bien, distingué, chic, officier de la Légion d'honneur, âgé d'environ cinquante ans.

Et il la soutenait, comme je l'avais soutenue moi-même en quittant le cimetière.

Je m'en allai stupéfait, me demandant ce que je venais de voir, à quelle race d'êtres appartenait cette sépulcrale chasseresse. Était-ce une simple fille, une prostituée inspirée qui allait cueillir sur les tombes les hommes tristes, hantés par une femme, épouse ou maîtresse, et troublés encore du souvenir des caresses disparues ? Était-ce unique ? Sont-elles plusieurs ? Est-ce une profession ? Fait-on le cimetière comme on fait le trottoir ? Les Tombales ! Ou bien avait-elle eu seule cette idée admirable, d'une philosophie profonde d'exploiter les regrets d'amour qu'on ranime en ces lieux funèbres ?

Et j'aurais bien voulu savoir de qui elle était veuve, ce jour-là ?

9 janvier 1891

BIBLIOGRAFIA

MAUPASSANT, Guy de. *La Maison Tellier* – Unre partie de campagne et autres contes. Paris : Flammarion, 2016.

VICTOR, Lucian. « Maupassant, La Maison Tellier et autres contes ». In: *Loxias*. N° 35, 8/12/2011. Disponível em: <http://revel.unice.fr/loxias/index.html?id=6932>, consultado em 19/8/2017, às 09h02.